

VIDA E MISSÃO: A RELAÇÃO ENTRE JESUS E O REINO DE DEUS NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO

LIFE AND MISSION: THE RELATIONSHIP BETWEEN JESUS AND THE KINGDOM OF GOD IN THE CHRISTOLOGY OF JON SOBRINO

Tiago Geyrdenn de Oliveira Gomes¹

Resumo: Existe, já no início dos Evangelhos, algo na vida de Jesus que não é ele mesmo, algo pelo qual ele dedicou seu tempo, seus esforços, enfim, sua vida, algo que, afirmando em linguagem existencial, deu sentido a sua vida humana, este algo que está no centro da mensagem e da atividade de Jesus é o Reino de Deus. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar o processo histórico de atuação de Jesus Cristo a partir da reflexão teológica elaborada na América Latina, mais especificamente na obra do teólogo Jon Sobrino. Para tanto faz-se necessário mostrar que o anúncio do Reino de Deus por Jesus de Nazaré, único caminho possível para o homem atingir a Verdade perfeita, é a grande proposta teológico-religiosa do nazareno. Sem a pretensão de um estudo realizado à exaustão, mas ao contrário, em síntese acadêmica, analisa-se o conteúdo que se constitui como fundamental para o pensamento teológico latino-americano. É necessário clarificar que o objetivo não é aprofundar o conceito de Reino de Deus, mas compreendê-lo a partir de sua relação com Jesus. Realiza-se isto considerando a atividade histórica de Jesus de Nazaré, abordando a relação entre Jesus e o Reino de Deus, em que nível se dá esta relação, também a partir de suas palavras, assim como são encontradas nas parábolas proferidas sobre o Reino, com o objetivo de mostrar qual o conteúdo deste Reino e para quem ele é destinado.

Palavras-chave: Cristologia. Teologia da Libertação. Reino de Deus. Jon Sobrino

Abstract: There is, at the beginning of the Gospels, something in the life of Jesus that is not himself. Something for which he dedicated his time, his efforts, his life, something that, affirming in existential language, gave meaning to his human life. This something that is at the center of the message and activity of Jesus is the Kingdom of God. Thus, the purpose of this article is to present the historical process of Jesus Christ's action based on the theological reflection elaborated in Latin America, more specifically on the work of the theologian Jon Sobrino. For this it is necessary to show that the proclamation of the Kingdom of God by Jesus of Nazareth, the only possible way for man to attain the perfect Truth, is the great theological-religious proposal of the Nazarene. Without the pretension of a study carried out to exhaustion, instead, in an academic synthesis, the content that constitutes as fundamental for the Latin American theological thought is analyzed. It is necessary to clarify that the objective is not to deepen the concept of the Kingdom of God, but to understand it from its relation with Jesus. This is done considering the historical activity of Jesus of Nazareth, approaching the relationship between Jesus and the Kingdom of God, at what level this relationship occurs, also from his words, as they are found in the parables spoken about the Kingdom, With the aim of showing the content of this Kingdom and for whom it is intended.

Keywords: Christology. Liberation Theology. Kingdom of God. Jon Sobrino.

¹ Graduado em Filosofia pelo ITEP-CE; Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza; Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza; Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-SP; Professor celetista do departamento de Teologia da FCF. E-mail: tiagogeyrdenn@gmail.com

1. Introdução

Far-se-á a análise de uma relação que é bastante pertinente, pois trata de duas realidades indissociáveis, Jesus Cristo e o Reino de Deus. Tal análise intenta mostrar que o especificamente histórico de Jesus em sua pregação foi o Reino de Deus, de outra forma, o centro da mensagem de Jesus nos permite uma melhor aproximação do Jesus histórico. Uma vez que o que está no centro da atividade de Jesus não é ele mesmo, mas o Reino de Deus, convém mostrar em que sentido se relaciona este Reino com Jesus, ou de que forma estão vinculados.

Existe, já no início dos Evangelhos, algo na vida de Jesus que não é ele mesmo, algo pelo qual ele dedicou seu tempo, seus esforços, enfim, sua vida, algo que, afirmando em linguagem existencial, deu sentido a sua vida humana, este algo que está no centro da mensagem e da atividade de Jesus é o Reino de Deus. Sobrino afirma que esta centralidade da vida de Jesus é expressa por duas expressões, “Reino de Deus” e “Pai”. Isto aparece logo no início dos Evangelhos, quando do início de sua pregação Jesus proclama: “cumpriu-se o tempo e o reino de Deus está próximo” (Mt 4, 17; Mc 1, 15; Lc 4, 43; 10, 9-11). Sobre os dois termos afirma Sobrino:

Das duas expressões é preciso dizer, em primeiro lugar, que são palavras autênticas de Jesus. Em segundo lugar, que expressam realidades totalizantes, pois com “reino de Deus” Jesus expressa a totalidade da realidade e aquilo que é preciso fazer, e com “Pai” Jesus expressa a realidade pessoal que dá sentido último a sua vida, aquilo em que Jesus descansa e que, por sua vez, não o deixa descansar. Finalmente, “reino de Deus” e “Pai” são realidades sistematicamente importantes para a teologia porque a partir delas pode organizar e hierarquizar melhor as múltiplas atividades externas de Jesus, pode conjecturar o que foi Jesus em sua interioridade e, certamente, pode dar a razão de seu destino histórico de cruz².

Segundo o teólogo os dois conceitos se complementam. Contudo, para o objetivo deste artigo, o recorte aborda primeiro o conceito de “Reino de Deus”, mostrando sua relação com a prática de Jesus.

² SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 105.

2. A realidade última para Jesus é o Reino de Deus

Ao aproximar-se dos Evangelhos, especificamente os sinóticos, é possível perceber que o início da pregação de Jesus foi assim: “depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1, 14-15). O que é interessante é o destaque nos Evangelhos para a Galileia, a origem do ministério de Jesus não é o centro, mas a periferia, é para esta que se dirige inicial e preferencialmente. Em sua “aproximação histórica” José A. Pagola mostra exatamente isto: “Jesus deixa o deserto, cruza o Jordão e entra novamente na terra que Deus havia presenteado o seu povo. Estamos por volta do ano 28 e Jesus está com 32 anos aproximadamente. Ele não se dirige a Jerusalém nem permanece na Judeia. Vai diretamente para a Galileia”³. As atitudes, os gestos e as palavras que marcam o início da pregação e vida pública de Jesus se dão na Galileia, é lá que o Reino de Deus começa a ser anunciado. Para Sobrino “esta apresentação inaugural de Jesus a partir do reino de Deus aparece nos sinóticos com a clara intenção de oferecer um sumário programático de sua missão. [...] Não se pode duvidar da centralidade histórica e teológica do reino de Deus para Jesus”⁴.

Como o Reino está no centro da missão e pregação de Jesus e assim se deduz dos Evangelhos, a realidade última para Jesus só pode ser este mesmo Reino. O próprio Leonardo Boff afirma que “o Jesus histórico não se pregou sistematicamente a si mesmo, nem a Igreja, nem a Deus, mas o Reino de Deus”⁵. Também corrobora esta opinião Pedro Hilgert quando diz que “há praticamente uma unanimidade na afirmação de que Jesus não se pregou a si mesmo, não anunciou a sua pessoa, não era porta-voz de sua própria causa. Para muitos, a preocupação maior de Jesus também não era anunciar a Deus, mas o Reino de Deus”⁶. Sobre esta questão afirma Rinaldo Fabris:

Fato admitido mesmo por quem defende a impossibilidade de reconstruir o anúncio original de Jesus a partir dos evangelhos atuais é este: o núcleo em volta do qual gravitam o ensinamento e a atividade histórica de Jesus consiste no reino de Deus. A conclusão se impõe pela impressionante frequência da fórmula “reino de Deus” ou “reino

³ PAGOLA, José A. Jesus – Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 109.

⁴ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 106.

⁵ BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador, p. 26.

⁶ HILGERT, Pedro Ramão. Jesus histórico – Ponto de partida da cristologia latino-americana. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 140

dos céus” nas palavras e ensinamentos de Jesus referidos pelos três evangelhos sinóticos⁷.

Está claro que o centro da pregação de Jesus não foi ele mesmo. Partindo de sua experiência única com o Pai, experimentando uma nova forma de conceber, perceber e sentir a Deus, Jesus se dedica a realizar uma única atividade, o anúncio do Reino, fundamento da sua existência.

Jesus prega o Reino de tal forma que este aparece, em sua pregação, como a realidade última a ser buscada, ou como realidade última da divindade manifestada à humanidade. Alguns aspectos mostram como Jesus se posicionava diante desta realidade e a seriedade com que se dedicava a dar mostras do fundamental. Sobrino apresenta cinco aspectos: a pregação do Reino enquanto proximidade, a forma como Jesus se posicionou diante da Lei, a forma como falava, a tomada de uma decisão ante sua pregação e por último a exigência do seguimento radical⁸. O primeiro aspecto indica como Jesus delimita o Reino.

Este não é uma realidade apenas futura, uma expectativa utópica, o que poderia fazer alguns supor que se tratava de uma fantasia de Jesus. Ao contrário, está em um processo contínuo de realização não apenas física nem geograficamente, mas em seus gestos e palavras. Afirma Sobrino que

Jesus tem a audácia de pregar não somente a vinda do reino, como também a proximidade e a certeza dessa vinda – ainda que em princípio o reino pareça tão pequeno como um grão de mostarda (cf. Mc 4, 30ss) –. Diferentemente dos apocalípticos, pois Jesus não anuncia a salvação somente para o futuro, mas afirma que já está chegando (cf. Mc 1,15), se bem que no final mudara ou incrementara sua visão com o discurso apocalíptico (cf. Mc 13)⁹.

Assim aparece como novidade na pregação de Jesus a característica de iminência acerca do Reino, o que Sobrino diz ser uma audácia de Jesus, embora esta iminência não anule de modo algum o caráter escatológico do Reino, ou seja, nas palavras de Jesus este Reino aparece enquanto proximidade, mas também fica aberta a perspectiva futura, a perspectiva da universalidade totalizante, se estabelece uma tensão, que nas palavras de

⁷ FABRIS, Rinaldo. Jesus de Nazaré – História e interpretação. São Paulo: Loyola, 1988, p. 104.

⁸ Cf. SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo Ensayo desde las víctimas. Madrid: Trotta, 1999, p. 152-153.

⁹ “Jesús tiene la audacia de predicar no sólo la venida del reino, sino la *cercanía* e la *certeza* de esa venida – aunque al principio el reino parezca tan pequeño como un grano de mostaza (cf. Mc 4, 30ss) -. A diferencia de los apocalípticos, pues, Jesús no anuncia la salvación sólo para el futuro, sino que afirma que ya está llegando (cf. Mc 1, 15), aunque al final cambiara o matizara su visión en el discurso apocalíptico (cf. Mc 13 par.)” (SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo, p. 152).

Boff é uma tensão dialética, há a dimensão da realização e mediação histórica e ao mesmo tempo há a dimensão da esperança escatológica¹⁰.

O segundo aspecto aponta para a maneira inteiramente livre de como Jesus se posicionou ante a Lei. As grandes controvérsias de Jesus com os fariseus nos Evangelhos muitas vezes giraram ao redor da Lei, o que Jon Sobrino chama de escandalosa liberdade de Jesus perante a lei¹¹. De fato, para uma sociedade tão marcadamente religiosa e legalista, como era a sociedade judaica, foi um grande gesto de coragem e ousadia de Jesus anunciar o Reino como prestes a se realizar e por isso mesmo suas atitudes que geraram escândalo na sociedade judaica, quando ele mesmo diz: “acaso podeis fazer que os amigos do noivo jejuem enquanto o noivo está com eles? Dias virão, porém, em que o noivo lhes será tirado; e naqueles dias jejuarão” (Lc 5, 34-35), ou mesmo quando se comportava em relação à lei do sábado (cf. Lc 6, 1-11; Mt 12, 1-14). Liberdade esta que não possui uma finalidade em si mesma, mas se relaciona intimamente com o fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34; 5, 30; 6, 38) e instaurar o Reino de Deus.

O terceiro aspecto sobre a relação de Jesus e sua missão mostra algo muito distinto, peculiar, Jesus fala com autoridade, não é um mestre, um rabi como os outros, mas há diferença na maneira como ele prega (cf. Mt 7,28). Um detalhe que pode ser apontado como diferencial na pregação do nazareno é a fórmula “em verdade, em verdade eu vos digo”, comum na boca de Jesus, para mostrar não só a veracidade do que ele diz, mas para mostrar a realidade mesma contida em sua pregação, curiosamente diferente dos profetas que ao pregar para o povo utilizavam da fórmula “assim diz Iahweh” para obter credibilidade em suas palavras¹².

O quarto aspecto, em continuidade com o terceiro, aponta para uma tomada de posição ante Jesus, se o Reino de Deus está próximo e está se realizando, por isso mesmo Jesus se comporta de maneira nova e livre diante da Lei, e se a autoridade de Jesus e de suas palavras são reconhecidas por todos, nada mais espera o filho do carpinteiro que seus interlocutores se decidam perante o que ele mostra, perante o que ele faz. Sobrino diz que isto mostra mais uma audácia de Jesus, na verdade uma pretensão, a pretensão de que a salvação escatológica depende da tomada de decisão ante ele.

¹⁰ Cf. BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador, p. 27.

¹¹ Cf. SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo, p. 152.

¹² Cf. SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo, p. 152-153.

Jesus tem também a pretensão de que a salvação escatológica se determina com a tomada de decisão ante ele. Em Mc 8,38, a tradição mais antiga, Jesus afirma que “quem se envergonha de mim e de minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, também o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os anjos”. Nesta passagem Jesus [...] tem a ousadia de fazer depender a salvação de como se reage perante ele¹³.

Jesus é bem claro quando exige uma resposta, e mais, tal resposta é decisiva para a salvação, resposta que passa evidentemente pela experiência com ele. Ainda que seja explícito o caráter escatológico do Reino, o interessante é a possibilidade da resposta, deve haver uma contrapartida da parte daqueles que ouvem Jesus.

O quinto aspecto aparece mais como consequência daquela resposta, da tomada de decisão surge o seguimento, é a exigência do seguimento daqueles que acolheram as palavras do Mestre, contudo este não é um seguimento qualquer, mas um seguimento radical (cf. Mt 8, 18-22), que tem como condição um abandono total à providência divina (cf. Mt 6, 31-43). Sendo um seguimento radical Jesus não apresenta maiores justificativas para ele além de suas obras, de suas atitudes e do seu comportamento, deixando claro para seus interlocutores que o seguimento a sua pessoa não deve ser feito com base na espera de recompensas. Sobre isto diz Jon Sobrino que

O fenômeno do seguimento não era novidade no tempo de Jesus, pois os rabinos tinham discípulos e enviados [...]. A novidade é que Jesus exige o seguimento com grande radicalidade, pois é preciso deixar tudo incondicionalmente (cf. Lc 9, 57-62), e é preciso fazê-lo pelo simples fato de ser chamado por Jesus e para estar unido a pessoa de Jesus, não só a sua causa, como aparece nos inícios de sua missão [...]. Como se sabe, diferentemente dos rabinos Jesus não delinea o seguimento em torno da lei, mas sim em torno do Reino e de sua pessoa. Por isso ele que “chama” os discípulos, e não são estes os que o elegem – o que implica uma relação que expressa algum tipo de fé –

¹⁴.

¹³ “Jesús tiene también la pretensión de que la salvación escatológica se decide con la toma de postura ante él. En Mc 8, 38, la tradición más antigua, Jesús afirma que ‘quién se avergüence de mí y de mis palabras en esta generación adúltera y pecadora, también el Hijo del hombre se avergonzará de él cuando venga en la gloria de su Padre con los ángeles’. En este pasaje Jesús [...] tiene la osadía de hacer depender la salvación de cómo se reaccione ante él” (SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo, p. 153).

¹⁴ “El fenómeno del seguimiento no era cosa novedosa em tiempo de Jesús, pues los rabinos tenían discípulos y enviados [...]. Lo novedoso es que Jesús exige el seguimiento, con gran radicalidad, pues hay que dejarlo todo y sin condiciones (cf. Lc 9, 57-62), y hay que hacerlo por el mero hecho de ser llamado por Jesús y para estar unido a la persona de Jesús, no sólo a su causa, como aparece em los inícios de su misión [...]. Como es sabido, a diferencia de los rabinos Jesús no plantea el seguimiento en torno a la ley, sino en torno al reino y a su persona. Por éso él es que “llama” a los discípulos, y no son

Pode-se afirmar que nesta exigência do seguimento a Jesus aparece de forma indubitável a centralidade do Reino em sua vida, “a conclusão é que Jesus é apresentado de tal maneira que pôde aparecer realmente como alguém ‘muito especial’ em relação ao que para ele e seus ouvintes era o último: o Reino de Deus. Desta forma, o último aparece relacionado intimamente com ele”¹⁵. A seriedade com que o galileu intima seus ouvintes a viver de uma forma radical revela a compreensão do que é o último e fundamental para Jesus e isto significa que é necessária uma nova existência, não se é mais possível viver como antes pois o Reino de Deus está próximo (cf. Mt 4,17). Jesus de Nazaré tem a consciência de que o Reino se inaugura com seu ministério, através do seu anúncio ele mostra-se convicto de que a proximidade deste Reino relaciona-se com sua vida.

Após tais pontos é possível afirmar a centralidade do Reino de Deus na vida de Jesus. Contudo, sua dedicação exclusiva e doação leva a um problema prático, Jesus não definiu o que era este Reino, tampouco o conceituou. Mesmo quando falava em parábolas parecia ter o cuidado de abstrair ou minimizar a conceituação, apelando para comparações, um grão de mostarda (cf. Mt 13, 31-32), o fermento (cf. Mt 13,33), o tesouro escondido (cf. Mt 13,44), a pérola (cf. Mt 13, 45-46) ou a rede de pesca (cf. Mt 13, 47-48). Termos que evidentemente não o definem, parecem estar muito mais relacionados com a dinâmica do que com a definição exata de Reino de Deus. É certo que a noção de Reino não é novidade da pregação de Jesus, ele assume este conceito, mas como novidade centra sua existência e seu ministério nele, diferentemente dos profetas, escribas e rabis de sua época, que centravam suas pregações, estudos e ensinamentos na vinda do Messias.

Jesus se insere na perspectiva de continuidade da história da salvação, retoma tudo aquilo que é tradição da fé de Israel assumindo em sua própria vida tal herança; é assim com o Reino de Deus, já presente no Antigo Testamento. Sobre o Reino presente no Primeiro Testamento afirma-se que

A expressão “reino de Deus” (malkuta Jahweh, basileia tou theou) é uma formulação apocalíptica tardia, mas a relação de Javé com a

éstos los que Le eligen – lo cual implica una relación que expresa algún tipo de fe – ” (SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo, p. 153).

¹⁵ “la conclusión es que Jesús es presentado de tal manera que pudo aparecer realmente como alguien ‘muy especial’ en relación a lo que para él y sus oyentes era lo último: el reino de Dios. De esta forma, lo último aparece relacionado intimamente con él” (SOBRINO, Jon. La fe en Jesucristo, p. 153).

realeza aparece com frequência no AT, sobretudo nos salmos e na liturgia. Esta terminologia não é original nem específica de Israel, mas existia em todo o Antigo Oriente. O que Israel fez – como com outras realidades das religiões circundantes – foi historizar a noção de Deus-rei segundo sua fé fundamental de que Javé intervém na história¹⁶.

Então é certo que “Jesus não partiu do zero, mas recebeu a herança da fé de Israel, onde o desígnio de Deus para sua criação chegou a formular-se – tardiamente – como *reino de Deus*. Israel passou por inúmeras desventuras, mas, baseado em sua fé em Deus, manteve a esperança na *passagem de Deus pela história*”¹⁷.

O fato é que a não definição do Reino não pode ser logo concluída como se Jesus nada soubesse a seu respeito, ou que tal conceito fosse destituído de sentido para ele, ao contrário, “o que se deduz é a necessidade de um método para averiguar o que é que Jesus pensava do reino de Deus”¹⁸. Com isso Sobrino aponta três possibilidades de se chegar a uma resolução do problema, ou como ele mesmo diz três vias de averiguação¹⁹. São tomadas aqui somente duas que mais acertadamente expressam a realidade do Reino e por melhor se harmonizarem com os conceitos principais da teologia da libertação. As vias mencionadas por Sobrino são a via do destinatário, os pobres, e a via da prática de Jesus, especificamente as parábolas de Jesus que tratam do Reino de Deus.

3. O Reino de Deus é para os pobres

Através da via do destinatário, ou seja, por meio da investigação daqueles a quem são destinadas as pregações, parábolas, curas e milagres de Jesus delinea-se este Reino de que tanto fala o nazareno. No início do ministério na Galileia, constata-se no Evangelho de Lucas, ao tomar o livro do profeta Isaías, é apresentado o conteúdo programático da missão de Jesus, além da libertação aos presos, da liberdade aos oprimidos, da recuperação da vista, está a evangelização dos pobres (cf. Lc 4, 18-19). No discurso inaugural, a primeira bem-aventurança de Jesus é endereçada a eles, estes são felizes, porque lhes é destinado o Reino de Deus (cf. Lc 6, 20; Mt 5, 3). Por isso afirma Fabris que “no âmago da tradição evangélica sinótica, é possível assinalar uma

¹⁶ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 110.

¹⁷ SOBRINO, Jon. O reino de Deus e Jesus – Compaixão, justiça, mesa compartilhada. In Concilium n. 326/2008, p. 69.

¹⁸ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 108.

¹⁹ Cf. SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 108.

série de *logia* aparentados entre si por proclamarem que o Reino de Deus, conteúdo central do anúncio de Jesus, destina-se aos ‘pobres’²⁰.

Metodologicamente a cristologia da libertação parte do Jesus histórico. A partir daquela totalidade do Cristo que é dada pela fé deve-se ater exatamente naquele aspecto da totalidade que motiva a reflexão cristológica latino-americana. Então, um Jesus que viveu concretamente, em um determinado período histórico, experimentou as alegrias, bem com as vicissitudes do ser humano, viu de perto e experimentou a bondade humana, mas também viu o que a ganância no coração do homem pode fazer, inclui necessariamente em seu anúncio a realidade humana, o Reino de Deus é anunciado por Jesus da forma como ele compreende o seu contexto, por isso destina aos pobres sua atenção, o seu ministério. Exatamente por isso

Jesus declara de maneira categórica que o reino de Deus é para os pobres. Ele tem diante dos olhos aquelas pessoas que vivem humilhadas em suas aldeias, sem poder defender-se dos poderosos latifundiários; conhece bem a fome daquelas crianças desnutridas; viu chorar de raiva e impotência aqueles camponeses quando os arrecadadores de impostos levavam para Séforis ou Tiberíades o melhor de suas colheitas. São eles que precisam ouvir, antes de mais ninguém, a notícia do reino [...]. Todos precisam saber que Deus é o defensor dos pobres. Estes são seus preferidos. Se seu reinado for acolhido, tudo mudará para o bem dos últimos. Esta é a fé de Jesus, sua paixão e sua luta²¹.

Estes são os preferidos do Reino. O Reino é anunciado como boa-nova, boa-notícia, *εὐ-αγγελιον*. É novidade alegre e relacional portadora de felicidade e referente a alguém, no caso, os pobres.

Não se pode excluir o caráter universal ou universalizante deste Reino, contudo, nem todos podem ser inseridos nele da mesma forma, nem todos têm as mesmas prerrogativas ou pré-requisitos para entrar no Reino, este pertence preferencialmente aos pobres²². Neste sentido Deus é parcial, ou melhor, o Reino de Deus é parcial. Fabris

²⁰ FABRIS, Rinaldo. Jesus de Nazaré, p. 112.

²¹ PAGOLA, José A. Jesus – Aproximação histórica, p. 130-131.

²² O papa Bento XVI faz referência, em seu Discurso Inaugural da V Conferência, em Aparecida, a respeito da opção preferencial pelos pobres. Ela relaciona-a com a fé cristológica, quando aborda a fé vivida na comunidade eclesial, fé que deve levar o cristão a sair de seu ensimesmamento e gerar comunhão e responsabilidade pelos outros, preferencialmente aqueles privados de dignidade humana. Diz o papa que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8, 9)”. Para Bento XVI a opção preferencial pelos pobres é consequência da opção preferencial por Jesus Cristo (cf. Discurso de Abertura dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. In CELAM. *Documento de Aparecida*; São Paulo: Paulus, 2007, p. 273).

fala que a declaração de felicidade aos pobres por parte de Jesus está em consonância com a tradição do Antigo Testamento, com a história bíblica, desde o êxodo até os profetas do exílio. No êxodo Deus atende os clamores dos oprimidos, portanto, se revela a eles. Diz Fabris que “Deus se revela senhor porque tira da sua condição de escravidão ‘os pobres’, os oprimidos do Egito e liberta os prisioneiros do exílio [...]. Este pregão de felicidade para os pobres, identificados com os aflitos, os prisioneiros e oprimidos, é tarefa do enviado de Deus (Is 61,1-2)”²³.

A experiência fundante da fé de Israel é a de um Deus libertador, que escuta os clamores dos oprimidos, daí se desenvolve toda uma tradição, inclusive na época da monarquia, em torno do rei justo, aquele que defende a viúva e o órfão e distribui justiça parcialmente, pois defende o oprimido. A exemplo de Iahweh o rei deve proteger o estrangeiro, a viúva e o órfão. Estas três são categorias paradigmáticas vétero-testamentárias usadas para definir os pobres. Jesus é apresentado nos Evangelhos convivendo com outros tipos de pobres, que igualmente são destinatários de sua mensagem. Portanto, quando Jesus fala dos pobres, da mesma forma que do Reino de Deus, ele não está abstraindo, tratando do tema pobreza como estatística ou classe social sujeita a análise, ele está tratando daqueles com quem ele vai convivendo no caminho. Estes são

famílias que sobrevivem miseravelmente, pessoas que lutam para não perder suas terras e sua honra, crianças ameaçadas pela fome e pela doença, prostitutas e mendigos desprezados por todos, enfermos e endemoninhados aos quais se nega o mínimo de dignidade, leprosos marginalizados pela sociedade e pela religião. Aldeias inteiras que vivem sob a opressão das elites urbanas, sofrendo o desprezo e a humilhação. Homens e mulheres sem possibilidade de um futuro melhor²⁴.

Este é o conteúdo do Reino de Deus. Os pequenos, os pobres, os pecadores, aqueles que estão distante, inclusive do círculo religioso.

Àquelas categorias vétero-testamentárias que são amparadas pela tradição e pela Lei judaica, Jesus acrescenta outras que são desprezadas na sociedade de sua época, inclusive pela religião, e aqui está uma grande novidade trazida por ele. Há por parte de Jesus um comportamento inteiramente livre em relação à Lei, e isto implica relacionar-se de maneira muito livre com os pecadores, estes principalmente precisam de uma boa

²³ FABRIS, Rinaldo. Jesus de Nazaré, p. 112-113.

²⁴ PAGOLA, José A. Jesus – Aproximação histórica, p. 131.

notícia de libertação e felicidade, por isso, em Jesus, o εὐ-αγγελιον vai até eles. Começa a acontecer algo novo, pela prática de Jesus a transformação de toda realidade, seja social, seja de pecado, tem início, exatamente pelos mais fracos e débeis da sociedade, “a partir de agora, os pobres não são apenas os privilegiados destinatários do Reino, mas, integrados a ele por Jesus, farão parte de seu próprio conteúdo; assim se deve entender a expressão mais exata de que eles são beneficiários e portadores da boa-notícia”²⁵. O Reino de Deus é ação libertadora em favor dos mais pequeninos.

Aqui é preciso definir ou diferenciar os vários tipos de pobres, ou as variadas formas que a condição de pobreza e miséria humana assume concretamente. Quando são mencionados nos Evangelhos, quando aparecem nas bem-aventuranças é preciso saber a que tipo de pobre Jesus quer se referir. São dois os termos que com maior frequência aparecem nas Escrituras e que melhor definem aquelas categorias a que nos referimos, o termo *‘anawim* ou *ptochoi* (πτωχοι), que aparece principalmente em Lucas, e significa etimologicamente “os encurvados” ou “os assustados”. E o termo *‘am haares* ou *hamartoloi* (ἁμαρτωλοι), que significa os “pecadores”, “impuros”²⁶. Um aspecto social e econômico, o outro religioso, ainda que também social. De um lado o necessitado, de outro o menosprezado. Por isso Sobrino diz que “assim, pobres são os famintos e sedentos, os nus, os forasteiros, os enfermos, os prisioneiros, os que choram, os que estão oprimidos por um peso real (Lc 6, 20-21; Mt 25, 35ss)”²⁷, contudo são também “por outro lado os desprezados pela sociedade vigente, os tidos por pecadores, os publicanos, prostitutas (Mc 2, 16; Mt 11, 19; 21, 32; Lc 15, 1s), os simples, os pequenos, os menores (Mt 11, 25; Mc 9, 36s; Mt 10, 42; 18, 10.14; Mt 25, 40.45), os que exercem profissões desprezadas (Mt 21, 31; Lc 18, 11)”²⁸.

Com isso Sobrino mostra que não há uma realidade unívoca para pobreza nos Evangelhos, ou seja, Jesus não conviveu apenas com determinado tipo de pobres ou dedicou predileção por um grupo deles ao anunciar o Reino de Deus. Há uma certeza, foi por todos aqueles que se encontram em uma situação de depreciação, exclusão, humilhação, injustiça e opressão que Jesus fez sua opção, sua certeza de Deus e no Reino o levam a fazer uma escolha de qual grupo ele vai falar da sua experiência de Deus, os escolhidos são os pequeninos e desfavorecidos de toda ordem, a pobre gente vítima da injustiça, a categoria de pessoas que não têm esperança alguma neste tipo de

²⁵ ECHEGARAY, Hugo. A prática de Jesus. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 127.

²⁶ Cf. SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 125-126.

²⁷ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 125.

²⁸ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 125-126.

mundo, os que olham para o presente e para o futuro e não encontram nenhum motivo de esperança.

Enquanto destinatários os pobres definem o que é este Reino de Deus, e “se os pobres, assim entendidos, são os destinatários do Reino, então a partir deles se pode compreender melhor também em que reino Jesus pensava. É um reino [...] cujo conteúdo mínimo, mas fundamental, é a vida e a dignidade dos pobres”²⁹. É possível também acercar-se do conteúdo do Reino por intermédio das ações práticas, dos gestos, dos milagres, é a via da prática de Jesus que deve ser entendida como as palavras e atos do nazareno.

4. As parábolas do Reino de Deus

A prática de Jesus chama atenção. Não juntaria multidões se ele não estivesse realizando algo novo, não despertaria curiosidade e comentários nas regiões por onde passava, de modo que até o rei Herodes ficou sabendo dele (cf. Mc 6, 14), se nada fizesse, não teria despertado tanta raiva de seus opositores se não tivesse se colocado contra o *status* de determinados grupos e contra a situação vigente em sua época. Sua linguagem simples e sua postura a favor da vida juntaram grande quantidade de pessoas em defesa de sua causa.

Ninguém o põe dúvida. Jesus entusiasmou os camponeses da Galileia. O reino de Deus, tal como ele o apresenta, tinha que ser algo muito simples, ao alcance daquelas pessoas. Algo muito concreto e bom que até os mais ignorantes entendiam: a primeira coisa para Jesus é a vida daquelas pessoas, não a religião. Ao ouvi-lo falar e, sobretudo, ao vê-lo curar os enfermos, libertar de seu mal os endemoninhados e defender os mais desprezados, eles têm a impressão de que Deus se interessa realmente por sua vida e não tanto por questões “religiosas” que a eles escapam³⁰.

Por onde passa Jesus desperta esperança, e seu anúncio constitui-se em alegria para aqueles que o ouvem. No seu modo de falar há algo de cativante e original, algo que prende a atenção do ouvinte, algo que faz com que pessoas deixem tudo e o sigam (cf. Lc 5, 11; Mt 4, 20; Mc 1, 18).

²⁹ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 128.

³⁰ PAGOLA, José A. Jesus – Aproximação histórica, p. 127-128.

A experiência daqueles que provaram Deus de uma forma muito íntima faz com que agora desejem transmiti-la aos outros, especialmente os mais distantes de Deus, de forma nova e enaltecida. A forma encontrada por Jesus para fazê-lo é a parábola, o meio mais simples e eficaz para transmitir às pessoas a novidade e proximidade do Reino, bem como sua própria experiência. Por partir de sua própria experiência de fé, Jesus

não utilizou a linguagem dos escribas para dialogar com os camponeses da Galileia. Também não sabia falar com o estilo solene dos sacerdotes de Jerusalém. Recorreu à linguagem dos poetas. Com criatividade inesgotável, inventava imagens, concebia belas metáforas, sugeria comparações e, sobretudo, narrava com maestria parábolas que cativavam as pessoas [...]. Não há em suas palavras nada de artificial ou forçado; tudo é claro e simples. Ele não precisa recorrer a ideias abstratas ou frases complicadas; comunica o que vive. Sua palavra se transfigura ao falar de Deus àquelas pessoas do campo. Precisa ensiná-las a olhar a vida de outra maneira³¹.

O conteúdo daquilo que Jesus fala, especialmente relacionados a Deus, mas também com o Reino de Deus, tem como constitutivo os elementos do cotidiano, talvez por isso ele tenha causado tanta agitação na sociedade de então. Suas imagens são elementos da vida diária, Jesus não interpreta a Lei em seus discursos. Por onde passa ele sabe falar na linguagem contextual de seus interlocutores. Talvez isto tenha despertado nas pessoas a vontade de segui-lo, a possibilidade de experimentar Deus de outra forma que não a dos escribas, dos fariseus ou dos sacerdotes do Templo.

Jesus está em continuidade com a tradição vinda antes dele, pois é evidente que ele não cria o método parabólico, simplesmente dá um destaque mais específico e torna-o o método principal dos ensinamentos e da pregação jesuânica. O ministério de Jesus assume tons proféticos, isto aparecerá claramente no fato da utilização das parábolas, algo que os profetas do Antigo Testamento já haviam feito, especialmente Oseias, Isaías, Jeremias, o próprio profeta Natã quando se dirige ao rei Davi (cf. 2Sm 12, 1-14). Fabris argumenta que “Jesus certamente não é o inventor desse método de falar e ensinar, já que se encontram exemplos de parábolas e alegorias nos textos bíblicos, em particular na tradição profética. Também os mestres das escolas judaicas recorrem frequentemente à narrativa simbólica”³².

Pelas parábolas é possível realizar uma aproximação histórica das palavras mesmas de Jesus, apesar da modificação redacional dos Evangelhos. O teólogo jesuíta

³¹ PAGOLA, José A. Jesus – Aproximação histórica, p. 145.

³² FABRIS, Rinaldo. Jesus de Nazaré, p. 171-172.

afirma que houve modificações nos conteúdos ou nos direcionamentos de algumas parábolas, “assim, imagens usadas originalmente para explicar o Reino de Deus são aplicadas depois às vezes ao próprio Jesus [...]. Finalmente, ocorre uma reinterpretação dos ouvintes aos quais se dirigiam as parábolas”³³. Apesar disso, em Jesus o que as parábolas têm de original não desapareceu, de modo que pode-se afirmar que as mesmas revelam o conteúdo do Reino. Diz Jon Sobrino que “estas transformações, contudo, não obscurecem o sentido original das parábolas como parábolas do Reino, com elas se tenta esclarecer o que é esse Reino, mas de uma maneira muito precisa devido ao gênero literário da parábola”³⁴.

As parábolas apontam para o Reino, elas têm um caráter pedagógico. O objetivo de Jesus ao utilizá-las era expressar de modo muito conveniente do que se trata o Reino de Deus. Todavia, o teólogo Jon Sobrino coloca algumas condições nesta conveniência³⁵. Primeiro, afirma ele, as parábolas expressam algo do Reino apesar de não defini-lo, sempre utilizando expressões do tipo “o Reino de Deus é como...” ou “o Reino de Deus é semelhante a...”³⁶. Segunda condição é que não há uma interpretação de Jesus sobre as parábolas. O fato é que o objetivo das parábolas é extrair a conclusão dos próprios ouvintes, “ao que parece, Jesus não explica o significado de suas parábolas nem antes nem depois de seu relato; não recapitula seu conteúdo nem o esclarece recorrendo a outra linguagem. É a própria parábola que há de penetrar com força em quem a ouve”³⁷. E a terceira condição para entender o modo como as parábolas tratam do Reino é que elas são sempre contestatórias, controversas, polêmicas, questionantes. Elas exigem uma tomada de posição do ouvinte, deve-se escolher contra ou a favor de Jesus e de sua postura, não há meio termo. O que evidentemente terá consequências drásticas: “o confronto, amadurecido sob a insígnia do Reino de Deus, nova imagem de Deus, cujo reflexo está na parábola, levará Jesus à condenação e morte na cruz”³⁸. A cruz surge como consequência do projeto de Jesus surge da rejeição deste mesmo projeto por parte daqueles que se sentem ameaçados em sua estrutura estável e sólida de vida ou sentem-se ameaçados em seu *status quo*.

O Reino de Deus é parcial, isto é evidente, ele é para os pobres. As parábolas também apresentam este caráter que é o mesmo de seu anúncio. O centro de toda

³³ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 152-153.

³⁴ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 153.

³⁵ Cf. SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 153.

³⁶ Cf. SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 153.

³⁷ PAGOLA, José A. Jesus – Aproximação histórica, p. 150.

³⁸ FABRIS, Rinaldo. Jesus de Nazaré, p. 174.

pregação e prática de Jesus é certamente o Reino e este é para os pobres. As parábolas justificam esta postura de Jesus. Interessante perceber que o teólogo afirma que há mudança, os ouvintes agora são outros, as parábolas são dirigidas a outro grupo, ou a outros grupos, que vivem antagonizando constantemente com Jesus. Para estes, as parábolas se tornam como que contestatórias, polêmicas e questionantes. Deles Jesus espera uma radical conversão na forma de verem Deus e na forma de transmiti-lo às outras pessoas, pois “nas bem-aventuranças os ouvintes são os próprios pobres e nos banquetes Jesus está com os pecadores; nas parábolas, porém os ouvintes são diretamente os adversários de Jesus, os que criticam sua parcialidade para com os pobres e pecadores”³⁹. Diante da novidade trazida pelo galileu, expressa na parábola do vinho novo (Lc, 5, 37-39), é repetida a mensagem central de sua pregação, bem como a parcialidade de Deus em favor dos menores: “a mensagem fundamental é que Deus é assim, por isso os pobres e pecadores podem esperar esse Deus com alegria e sem medo. Por isso a proximidade do reino é verdadeiramente boa-notícia”⁴⁰. O fundamento da parcialidade de Deus é sua extrema bondade e misericórdia, o Deus *Abbá* de Jesus é apenas bom e cheio de carinho pelos pequenos e desprezados.

As parábolas geram crise, mas também alegria e esperança. A crise, sobretudo pelo seu caráter escatológico, mas há nelas um elemento de positivo, os pobres podem esperar sem medo e com alegria, podem ter a firme esperança de que o Reino se apresenta essencialmente para eles, e se apresenta pequeno e incipiente. Jesus está convicto da iminência do Reino, por isso alerta a todos para uma nova forma de viver, para a edificação, o aperfeiçoamento da vida fundada em novos vínculos de fraternidade e solidariedade, “não é possível que o reino de Deus se aproxime e tudo continue igual; o tempo urge e é preciso fazer algo”⁴¹. Por isso Jesus insiste na vigilância (cf. Mt 24, 37-44), pois o Reino chega de repente (cf. Mt 24, 45-51), uma vez que a vigilância indica a firme esperança na vinda do Reino de Deus. Neste mesmo sentido insiste na repreensão aos fariseus e escribas. Jesus

recrimina as ações dos *fariseus* e adverte que cairão no juízo de Deus, pois são guias cegos (Mt 15,14), vêem a palha no olho alheio mas não vêem a viga em seu próprio olho (Mt 7, 3-5; Lc 6,41s), são bandidos e ladrões em vez de pastores (Jo 10,6,21). A *Jerusalém*, que mata os profetas, opõe a parábola da galinha e dos pintinhos (Mt 23, 27; Lc

³⁹ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 154.

⁴⁰ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 154.

⁴¹ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 155.

13,34). Compara *Israel* todo com a figueira que não dá fruto (Lc 13, 6-9) e com o sal que perdeu o sabor (Mt 5, 13; Lc 14, 34s; Mc 9,50)⁴².

Sobretudo as parábolas são esperança e alegria para os pobres, pois mostram o Reino já acontecendo, como um grão de mostarda ou como o fermento (Lc 13, 18 -21).

O Reino de Deus modifica a realidade de maneira substancial, é preciso ter confiança e preparar-se. A alegria da boa-notícia pode ser confirmada na parábola do tesouro perdido e da pérola preciosa (Mt 13, 44-46): “à alegria de Deus, apresentada nas parábolas da acolhida aos pequenos, corresponde a alegria do homem que encontrou o reino. E é propriamente disto que falam estas parábolas e não diretamente – como comumente se interpretou – da disponibilidade ascética ao entregar tudo”⁴³. Certamente as parábolas indicam o Reino de Deus. Afirma-se que o Reino é para os pobres, se eles são seus destinatários justamente porque Deus é misericordioso e realiza a justiça, então o objetivo não é afirmar outra coisa senão o respeito total pelo ser humano enquanto tal, especialmente os mais pobres. Elas apresentam o conteúdo fundamental do Reino, a vida e a dignidade de todo ser humano, preferencialmente aquele que se apresenta com rosto humano desfigurado pela dor e pelo sofrimento, foi destituído daquela dignidade fundamental de filhos e filhas de Deus.

5. Considerações finais

Ponto central na reflexão cristológica de Jon Sobrino é, ligado ao Jesus histórico, o Reino de Deus mediado historicamente na atividade de Jesus. Aqui se centra um tema fundamental da cristologia latino-americana. Por isso não é possível dissociar Jesus do Reino, embora sejam duas realidades distintas, na medida em que a prática de Jesus nos leva a perceber que para ele o último e definitivo é o Reino de Deus. Seguir o Cristo é trabalhar incessantemente para que irrompa o Reino de Deus proclamado por Jesus de Nazaré. Empenhar-se na realização do Reino é considerar o sofrimento experimentado por Jesus, sofrimento que é igual a de tantos homens e mulheres que ao longo da história sofreram a repressão das estruturas de poder, é sofrimento de milhões que vivem em nossa América Latina, na África ou na Ásia padecendo fome e miséria, suportando a ignomínia da exclusão social, resistindo corajosamente ao sistema econômico e financeiro, o deus Mamom, que insiste em lhes negar e tirar a vida. Mas é

⁴² SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 156.

⁴³ SOBRINO, Jon. Jesus, o libertador, p. 157.

considerar também Jesus como o Crucificado-Ressuscitado do Pai, que se encontra junto de seus seguidores, sofrendo quando os seus sofrem, libertando-se quando os seus são libertados, despertando esperança e confiança no projeto pelo qual dedicou sua vida e a doou plenamente.

Uma cristologia pensada a partir da América Latina não poderia deixar de analisar, de investigar, de refletir e de levar em consideração a situação histórica e atual, isto é, a posição geográfica de subdesenvolvimento começando pelo passado de colônia. Pensar desde a exclusão é pensar uma cristologia libertadora, é realizar uma reflexão sobre o Cristo tendo em conta o sofrimento de milhões que estão na miséria, imersos numa realidade de pecado pessoal, estrutural e social. Ao olhar para o ser humano concreto é perceptível situações de exclusão e marginalização ao longo dos séculos. Diante desta situação, a teologia pareceu ter-se acomodado, preocupou-se demais com a ontologia e esqueceu o homem concreto, que sofre injustiças e dominações cotidianamente. A possibilidade de uma vida diferente, a possibilidade da construção de novas estruturas pode ser apresentada também pelo teólogo.

Referências

- BENTO XVI. *Discurso de Abertura dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. In CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: História e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.
- HILGERT, Pedro Ramão. *Jesus histórico: ponto de partida da cristologia latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.
- _____. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. Madrid: Trotta, 1999.
- _____. O Reino de Deus e Jesus: Compaixão, justiça, mesa compartilhada. In: *Concilium*, Petrópolis, n. 326, p. 67-78, 2008/3.